

O valor da escola e do trabalho na voz de crianças e adolescentes filhos de catadores de materiais reciclável

The school's value and work in the voice of children and adolescents of waste pickers sons

Cláudia Moraes da Costa Vieira e Cláudia Pato. Universidade de Brasília (Brasil)

Resumo

O estudo tem por objetivo identificar os sentidos da escola e do trabalho de catação nas narrativas dos estudantes de uma escola pública do Distrito Federal, filhos de catadores de material reciclável. Para a constituição das histórias de vida e dos processos escolares dos participantes utilizou-se o método biográfico, tendo como estratégias a observação participante, o diário de campo e oficinas ecobiográficas e como instrumento a ficha do perfil biográfico. A análise das narrativas foi baseada na interpretação hermenêutica. Participaram 12 estudantes, sendo 6 meninas e 6 meninos, com média de idade de 12 anos, pertencentes ao quarto ano do ensino fundamental. Os resultados demonstraram que alguns deles manifestam a mesma crença de pais e professores, tendo a escola como espaço para os formarem a ser alguém na vida. Outros atribuem à escola o sentimento da formação humana. Com relação ao trabalho dos pais, emerge a dialética entre o orgulho e a dignidade, é do trabalho da catação que vem o sustento da família e o cuidado ambiental, mas enfrentam o sofrimento devido à discriminação. Conclui-se que a escola para essas crianças tem o sentido da possibilidade de transformação da vida, mas reconhecem as limitações decorrentes da sua realidade.

Abstract

The study aims to identify the directions of school and scavenging work in the narratives of students from a public school in the Distrito Federal, sons of waste pickers. For the formation of life stories and school processes of the participants used the biographical method, with the strategies participant observation, the field diary and ecobiographical workshops and an instrument card the biographical profile. The analysis of the narratives was based on the hermeneutic interpretation. 12 students participated, including 6 girls and 6 boys, with a mean age of 12 years, belonging to the fourth year of elementary school. The results showed that some of them expressed the same belief of parents and teachers, and the school as a space for the form to be someone in life. Others attribute to school the feeling of human formation. With regard to parents' work, emerges the dialectic between pride and dignity, is the grooming of work that has the support of the family and environmental care, but face suffering due to discrimination. The conclusion that the school for these children has the sense of the possibility of transformation of life, but acknowledge the limitations inherent to their reality.

Palavras-chave

Valor da escola e do trabalho; história de vida; biografia educativa; catador de material reciclável; educação ambiental e ecologia humana.

Key-words

Value School and Work; Life History; Educational Biography; Collector of Recyclable Materials; Environmental Education and Human Ecology

Introdução

Questionamentos sobre o papel social da escola e a dificuldade de articulá-lo ao cotidiano local de seus alunos é uma interrogação recorrente. Estudos têm demonstrado a ausência da instituição escolar na trajetória de vida de grupos empobrecidos, como o grupo dos catadores de material reciclável.

Pesquisas como as de SEQUEIROS (2000), KASSOUF (2004), ALVARENGA (2008) e COSTA (2008) apontam para a ausência da escola como instituição escolar e representante do Estado no decurso da vida dos catadores e de suas famílias, bem como das classes empobrecidas de modo geral. Quando há referência à escola, percebe-se a dificuldade ou a impossibilidade de permanecer na mesma em todo o percurso escolar.

Para ALTERTHUM (2005) a exclusão escolar se agrava quando não há espaço nesta instituição para reconhecimento desde sujeito social, concomitante à ausência de um olhar para a realidade dessas crianças e de suas famílias. Desconfia-se que

a instituição escolar não compreende a constituição daqueles mundos trazidos por estes sujeitos, e assim, não consegue estabelecer um diálogo entre eles e os saberes social e historicamente construídos. A dificuldade em lidar com os diversos mundos e as representações contrárias às estabelecidas podem ocasionar a discriminação e a exclusão constituída no espaço escolar.

Segundo OLIVEIRA, FERNANDES e ALMEIDA (2012) o não reconhecimento do catador de material reciclável como sujeitos os coloca em um status não humano, um patamar que se encontra na linha tênue entre humanos e animais, o que também justifica a comparação deles com o material e o trabalho que executam. O catador se depara com a pobreza de forma consciente, uma visão repleta de atributos negativos, que vão ao encontro de valores e noções depreciativas sobre si mesmo. Uma identidade que, segundo os autores, é caracterizada pela ausência do prestígio e do poder, que causa comprometimentos com as questões psicossociais. Nesta perspectiva pode-se considerar que há negligência e desconhecimento das questões precárias de existência pela instituição es-

colar, o que constituem e afetam psicossocialmente estes núcleos familiares.

Neste sentido, considera-se importante conhecer quem são esses sujeitos, quais são seus saberes, fazeres, valores e sentidos, ao mesmo tempo em que também é importante sensibilizar as instituições escolares sobre seu papel e essa realidade socioambiental. É necessário conhecer quem são essas vozes que ecoam no espaço educativo da escola e salientar a necessidade de enxergar a escola pelo olhar desses sujeitos sociais, os filhos dos catadores de material recicláveis.

Pesquisadores como MULLER (2008), GRAUE e WALSH (2003), PASSAGI e ROCHA (2012) apontam para a complexidade do encontro com a criança e, ao mesmo tempo, da importância de se conviver com ela no cotidiano. Essa complexidade se dá pela dificuldade e impossibilidade de se enxergar ou ver o mundo como as crianças, pois ao vermos este mundo, vamos dialogar com as visões que já constituímos e com as interpretações das visões da criança. Neste encontro, o pesquisador adulto e a criança se constituem a partir de um olhar e de uma entrega, no sentido da alteridade, ao respeitar a fala, os saberes e o modo como este sujeito interpreta suas experiências. Para estes autores tem um ponto que poderia ser aprofundado: buscar formas que possibilitem que as próprias crianças possam reinterpretar as nossas interpretações.

Assim, ao dar voz a esses sujeitos sociais, crianças de 09 a 13 anos (algumas já iniciando o processo da adolescência), a escuta da criança torna-se uma referência e se institui como fonte principal. A sua compreensão como sujeito, um sujeito consciente, que é capaz de aprender, de refletir sobre os processos vividos, projetar momentos futuros. Nesse processo, o pesquisador se coloca aberto ao aprender com a criança, a partir e junto com ela.

Nesta perspectiva, este estudo buscou identificar os sentidos da escola e do trabalho de catação a partir das narrativas de estudantes filhos de catadores de material reciclável de uma escola pública brasileira, localizada no Distrito Federal.

A Educação ambiental crítica irá constituir a base teórica desta discussão no sentido de trazer as questões ambientais como ações organizadoras “em defesa de justiça social e do direito da vida emancipada, saudável e sustentável”. (LOUREIRO, 2012, p. 51) Condição contrária a uma sociedade que se institui em defesa do desenvolvimento financeiro.

[...] a Educação Ambiental pretende provocar processos de mudanças sociais e culturais que visam obter do conjunto da sociedade tanto a sensibilização à crise ambiental e à urgência em mudar dos padrões de uso dos bens ambientais quanto ao reconhecimento dessa situação e a tomada de decisões a seu respeito—caracterizando

que poderíamos chamar de um movimento que busca produzir novo ponto de equilíbrio, nova relação de reciprocidade, entre as necessidades sociais e ambientais (CARVALHO, 2006, p.158).

Ao compreender o cerne da educação ambiental como um constante trabalho de conscientização da realidade e capaz de propor processos de sensibilização para a importância de se tomar atitudes, que vão do contexto ambiental ao social, do individual ao coletivo na constituição da práxis da Educação Ambiental-EA “*a problematização da realidade, de valores, atitudes e comportamentos em práticas dialógicas*”. (LOUREIRO, 2012, p. 80) Segundo o autor só se parte para esta concepção a partir do conceito de conscientização de FREIRE, tendo como base a educação como processo de formação de sujeitos da emancipação e sujeitos históricos.

CARVALHO (2006) caracteriza este sujeito, como o sujeito da ação, o sujeito ecológico, aquele que é capaz de olhar para a realidade, refletir sobre ela e buscar formas de interagir e participar da tomada de decisões. Para a autora este é o campo próprio da educação no sentido de uma prática social e política, que tem como objetivo transformar a realidade e se constituir como um espaço aberto e formativo na relação do processo de ensino e aprendizagem.

A discussão acima atribui a educação o território da formação humana, assim,

Ecologia Humana-EH se coloca como um pressuposto desse diálogo, na perspectiva da sustentabilidade na educação, sendo a ecologia do ser e tendo a compreensão do ser como “*centro psíquico com o poder de autoconsciência, e em evolução*” (MOURÃO, 2011, p. 36). O que faz com que seja considerado a singularidade de cada ser, seus processos individuais e coletivos.

A compreensão que o humano se constitui em si, para si, mas que faz parte de um todo que é a humanidade e de todo o sistema que está inserido. Para Mourão (2012), este processo se constitui como um “*processo de tensão dinâmica com os contextos de socialização*” (MOURÃO, 2012, p.36), no qual “*deve ser incentivado de forma pedagógica, no sentido de uma implantação do paradigma ecológico como modelo cultural*”. Esta é a possibilidade de se compreender o espaço da educação escolar como um território de reflexão sobre a condição do ser, o seu modo de habitar o mundo e suas relações, consigo, com outros e com o ambiente natural.

Para DANSA, PATO e CORRÊIA (2012) a ecologia humana é compreendida como:

Um campo multirreferencial em que todas as ciências trazem contribuições que resultam na compreensão de como podemos ser conhecedores de nós mesmos e do mundo, e com isto pode nos ajudar a transformar nosso estar

no mundo e alimentar a transformação pessoal e socioambiental (DANSA; PATO; CORRÊIA; 2012, p.2)

Assim, a ecologia humana é este campo aberto no sentido da compreensão da ação do homem no mundo no qual a educação se constitui como território favorável para a constituição do sujeito individual e coletivo. A escola retoma seu pressuposto fundante, considerar-se um espaço de formar pessoas, desenvolvendo e respeitando todas as dimensões que constituem o ser. Esta concepção articula a ecologia humana e a educação ambiental no sentido de compreender a educação como um campo fértil para a mobilização e formação do sujeito de forma individual e social e ecológica.

Com esse propósito, a educação ambiental e a ecologia humana se constituíram como ancora e como espaço de diálogo e de construção da práxis educativa social (PATO, 2004; LOUREIRO, 2012; CARVALHO, 2000; MOURÃO, 2012; CATALÃO, 2012; DANSA; 2008; AZEVEDO, 2008) em uma permanente construção de espaços dialógicos com a educação popular (BRANDÃO, 2002; FREIRE) na qual se buscará constituir uma educação que possibilita a sustentabilidade da vida (FREIRE, 2006; PATO, 2004; SANTOS, 2006; MESZÁROS, 2010; LEFF, 2012; LOUREIRO, 2012).

Método

O aporte teórico metodológico se constituiu das contribuições da fenomenologia na perspectiva da compreensão do fenômeno como algo que se revela por si e se manifesta ((HEIDEGGER, 2009). Constituinte-se um método interpretativo e descritivo da realidade, numa perspectiva da interpretação hermenêutica como um modo originário do pensar e como essência da fenomenologia (GADAMER, 1999, 2005; HEIDEGGER, 1986; CARVALHO, 2000). A produção das narrativas autobiográficas se dará a partir do conceito de narrativa de Paul RICOEUR (1978, 1990, 1994, 1997) que compreende que o tempo é articulado a narrativa ao trazer traços da experiência do vivido

Participantes

Participaram 12 estudantes do 4º ano de escolarização, de uma escola pública do ensino fundamental, localizada na Cidade Estrutural, situada na Capital do Brasil. Destes, 06 eram meninas e 06 eram meninos, com idade entre 09 e 13 anos, filhos de pais catadores de material reciclável.

Os critérios estabelecidos para a escola dos participantes foram ser filhos de catadores, ter interesse em participar

da pesquisa e autorização dos pais para a participação. Para garantir o sigilo e o anonimato, seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

Instrumentos

Foi utilizada uma ficha perfil (SOUZA, ELIZEU, 2004) para a construção do perfil biográfico dos participantes. Para as oficinas ecobiográficas foram utilizados roteiros com eixos temáticos, desenvolvidos a partir da observação.

Procedimentos

O estudo foi submetido ao Conselho de Ética de Ética em pesquisa, de acordo Resolução de nº 466, de 12 de dezembro de 2012 que regulamenta as pesquisas que envolvem seres humanos. Foram elaborados um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido–TCLE, para a assinatura dos pais autorizando a participação dos seus filhos na pesquisa, um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido–TALE, para a assinatura dos estudantes, concordando com a sua participação na pesquisa e um Termo de Autorização para Utilização de Imagem e áudio, para serem assinados pelos estudantes e respectivos pais concordando com os registros de imagem e som.

Foram realizadas quatro reuniões iniciais para a apresentação dos objetivos da pesquisa e sensibilização dos diversos atores sociais para a sensibilização da pesquisa. A primeira ocorreu com a equipe gestora e a segunda com os professores. Em seguida foi realizada a terceira reunião, com os pais, quando os mesmos puderam tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e receberam os documentos para assinatura e autorização. Por fim, foi realizada uma reunião com os estudantes para esclarecimentos sobre a pesquisa e convite à participação.

Após as devidas concordâncias e aprovações o processo de pesquisa foi iniciado, começando pelo preenchimento da ficha de perfil biográfico. A imersão no contexto escolar se deu com base na observação participante, permitindo lançar outros olhares sobre esse contexto escolar (BRANDÃO, 1990).

Concomitantemente às observações do ambiente escolar foram realizadas oficinas ecobiográficas com base nos trabalhos de JOSSO (2008; 2010), LECHER (2012) e MOMBERGER (2008). Essas oficinas foram trabalhadas com foco nas autobiografias dos participantes sob a perspectiva da ecologia humana e da educação ambiental. Essas oficinas utilizaram um diálogo sobre a dimensão do cuidado, cuidado consigo, com os outros e com seus territórios, resultando em diversas formas de registros e produções. Assim

utilizaram relatos orais e escritos, produção de imagem como desenhos, modelagens e fotografias e um filme de animação que conta a história de um menino abandonado no lixão, adotado e criado por um casal de urubu.

Foram realizadas ao todo seis oficinas, cada uma com um eixo norteador, que definia o tema e o que seria trabalhado e discutido com os participantes. A estrutura dessas oficinas ecobiográficas foi baseada nos trabalhos de PASSAGI e ROCHA (2012) e foi a seguinte: 1) acolhimento e abertura do diálogo; 2) socialização da palavra e da escuta; 3) avaliação e síntese do momento; 4) o olhar para si e para o próximo encontro que possibilitava planejar o próximo tem a ser desenvolvido. Cinco dessas oficinas aconteceram no espaço escolar e um consistiu em visita ao local de residência dos participantes e trabalho de seus pais. Ao iniciar o processo das oficinas foi criado um contrato pedagógico, fruto da discussão com o grupo que definiu as regras de convivência e de trabalho.

No diário de campo foram registrados todos os fatos e eventos ocorridos e percebido durante todo o processo, reflexões e análises das mesmas. Para os participantes, que tiveram cada um o seu diário de campo, foi o espaço de registros dos momentos vividos nas oficinas ecobiográficas, destacando o que havia sido mais significativo. Esses registros eram feitos

ao final de cada oficina e poderiam utilizar a linguagem estética ou escrita, conforme desejassem se expressar. Os diários de campo dos participantes permaneceram na escola para evitar o extravio do material.

Análise dos dados

O processo da análise se constituiu numa perspectiva circular, produzindo outros tipos de caminhar, outras formas, outras formas e outros sentidos. A organização dos dados foi feita após cada oficina ecobiográfica. Em seguida, ao ouvir cada áudio forma registradas as primeiras impressões e percepções que emergiram desse momento. No segundo momento foram degravados os diálogos ocorridos nas oficinas e o contexto que se instituiu ali. Os textos imagéticos produzidos pelos estudantes/pesquisadora conjuntamente com os diários de campo e os registros da observação colaboraram de forma substancial para que se tivesse as observações das expressões, relações, diálogos, ausências e presenças que se constituíam e davam corpo àquela realidade, elementos que não poderiam ser captados pelo gravador de voz ou pelo diário de campo. O processo da leitura, dos registros e da escuta após degravação foi constituindo traços e marcas coletivas e individuais.

Nesse processo foi possível estabelecer diálogos, conflitos e estabelecer diversida-

des que apontaram para elementos significativos e permitiram produzir categorias e unidades de sentido. As categorias apresentadas neste processo de análise, de escuta e re-escuta dos diversos materiais produzidos serão apresentadas a seguir.

Resultados

Os resultados encontrados revelaram duas categorias principais: o trabalho dos pais e a escola, apresentando suas visões e contradições.

O trabalho dos pais: a dialética da Vergonha e da dignidade

Falar sobre o trabalho dos pais se constituía um exercício árduo, em especiais nos primeiros momentos, quando não haviam estabelecido o clima de confiança entre os participantes, entre eles e a pesquisadora. Quando se referiam ao trabalho da catação, incluíam um outro familiar como: avó, tio, padrinho, irmão. Pode-se perceber que esta era uma forma de materializarem a vergonha e se protegerem dos abusos de alguns colegas que se referiam com expressões pejorativas e depreciativas à ocupação que seus pais exerciam. Havia um cuidado em falar, ficando claro

que alguns não se conheciam ou sabiam sobre as vidas uns dos outros fora do ambiente escolar. Observou-se que estudavam na mesma sala de aula, mas não falavam muito de si. Entretanto, alguns se encontravam fora da escola, no lixão aonde seus pais trabalhavam, demonstrando certa cumplicidade e intimidade, que eram abordadas ou reveladas no ambiente escolar.

Para esses estudantes que vivenciam conflitos e contradições desde muito cedo, o trabalho exercido por seus pais, de catar lixo, promove o sustento da família, mas parece revelar sentimentos simultâneos de orgulho e vergonha conforme ilustrado na fala a seguir.

Maria: Tem muita gente, assim que trabalha de catadora e tem muito filho assim, que tem vergonha de ter uma mãe catadora, mas eu não tenho, tenho muito orgulho de ter a minha catadora, ela me dá tudo, me dá boneca, me dá as coisas, assim se não fosse por ela eu não estaria na escola.

Percebe-se, ainda nesta fala, a importância atribuída a mãe como apoiadora e incentivadora da brincadeira, típica de criança, como do estudo. O trabalho traz a dignidade e o sustento, permite sobrevivência da família e sua educação. Também revela valor ambiental, contribuindo para a proteção do meio ambiente, conforme percepção da estudante abaixo.

Joana: Eu acho esse negócios de reciclagem são muito bom pro meio ambiente, mas a pessoa não cuidam do Meio Ambiente, joga lixo na rua . Eu também achei bom minha mãe fazer esse trabalho, por que ela vai me ensinando como recicla as coisas [...].

Esta fala já ilustra a aprendizagem que fazem com os pais, das contribuições de seus trabalhos para a vida nas cidades. A reciclagem vai sendo apropriada por todo o núcleo familiar e constituindo saberes próprios da especificidade da catação. Estes aspectos também são identificados nos trabalhos de BARBOSA, (2012) e ALTERTHUM, (2005). Com isso, se percebe um vínculo entre o trabalho da reciclagem e o cuidado com meio ambiente, como forma de amenizar o dano causado pelo acúmulo e produção de resíduos nas cidades. Também sugere um olhar de desaprovação das pessoas e da sociedade, que parece não ter consciência desta importância e desvalorizam as questões ambientais e com isso a própria figura do catador de material reciclável.

O estudantes também descrevem o trabalho dos pais a partir da descrição do ambiente em que o exercem, destacando sua degradação e os prejuízos à saúde.

Laura: Assim, como meu primo, ele trabalhava dentro do lixão, assim, às vezes ele catava assim, aí ele pegou bicho no joelho e nos pés assim, aí ele teve que ir no hospital pra cortar a perna. Ele pe-

gou muita bactéria, assim no lixão.

Marta: [...] tia, o cheiro é ruim, assim, parece que é o gás misturado na lagoa, o pior que lá tem muita mosca.

Pode-se perceber a degradação expressa pelo mau odor dos resíduos em decomposição, o excesso de insetos e microrganismos nocivos provenientes do próprio lixo. O lixão é considerado um ambiente que causa problemas de saúde, entre os diversos apontados, em especial os de danos físicos. A lagoa de chorume é citada, cujo odor é sentido em quase toda a cidade que vivem. Outro elemento apontado pelos participantes ao descrever o lixão, é a quantidade de acidentes que ocorrem enquanto os catadores estão trabalhando, inclusive alguns ocorridos com seus familiares e sendo presenciados por eles em diversos momentos, se tornando uma situação rotineira.

Os participantes também revelam a quantidade de acidentes que ocorrem enquanto os catadores estão trabalhando, inclusive alguns ocorridos com seus próprios familiares e presenciados por eles, demonstrando uma situação rotineira na vida dessas crianças.

Josué: Quando eu ia deixar comida pra minha mãe, tava falando com minha avó que tinha uma mulher morta, parece que a carreta passou por cima dela. Eu vi.

João: Meu avó morreu ontem. A carreta passou por cima dele, lá no lixão.

Luiz: Tia, lá tem um monte de acidente, já tocaro fogo no menino [...].

No encontro de hoje uma questão me chamou atenção, enquanto algumas crianças contavam que lá no lixão era um local em que ocorriam muitos acidentes envolvendo carretas e catadores, um dos meninos olhou para o grupo e lançou um olhar de muita tristeza e revelou ao grupo que seu avô havia falecido no dia anterior, atropelado por uma carreta. A sua voz estava embargada, no final nos avisou que o enterro seria a tarde daquele mesmo dia (Anotação do Diário de Campo do dia 27/08/2014).

O trabalho dos pais faz com que esses estudantes convivam diariamente com situações de violência e dor, sendo frequentemente expostos a situações como as relatadas a cima. Pode-se inferir que algumas vezes esses estudantes vão para a escola logo após vivenciarem situações dessa natureza e não parece haver qualquer tipo de conversa e ou ação sobre isso, o que sugere omissão ou negligência por parte dos educadores. Isso pode contribuir para o sentimento de isolamento e de exclusão, podendo gerar consequências imprevisíveis.

Por exemplo, o estudante acima citado mostrava-se silencioso e cabisbaixo no início da oficina. Ao ouvir as histórias de outros colegas que expressavam angústias e dor, expressou sua própria dor e angústia, revelando-se e compartilhando o que havia ocorrido com seu avô. Este es-

paço da escuta permitiu a expressão dos sentimentos ao tempo que promoveu uma identificação com o grupo.

O Nessa perspectiva o trabalho assume o sentido de degradação humana e ambiental, de dor e desvalorização do próprio trabalho. Ação sentida e refletida, de sofrimento profundo, sem qualquer olhar que contribua para a superação desses problemas. Apesar de avanços e discussões sobre a Política Pública de Resíduos Sólidos, ainda morrem catadores diariamente dentro dos lixões nos grandes centros urbanos.

Outro aspecto percebido é o sentido do trabalho duro, pesado, que os leva a colaborar com os seus pais, num trabalho em família, feito pelos pais e pelos filhos, às vezes havendo participação de outros núcleos familiares. Os estudantes afirmavam que só colaboravam com os pais aos domingos e viam essa atividade como oportunidade de brincar com outros colegas que também iam ajudar os seus pais. Todos sabiam que não era permitida a presença de crianças no lixão, mas isso era resolvido com algumas estratégias, conforme demonstrado abaixo.

Clarice: [...] eu vou ajudar meu pai, só de manhã, por quê meu pai tem um saco assim (mostra com as mãos os gestos) . Ele finge que é latinha , aí entra lá por trás e eles vai lá e deixa.

Clara: Tia meu pai leva meus irmão só no domingo [...].

Tomás: [...] Tia eu saio seis hora da noite pra trabaiair com minha mãe, aí eu achei roupa, um monte de coisa, um monte de material jogado[...] vários brinquedos e um iate da Poli.

Aquiles: [...] tia eu fico brincando lá, pra pegar é , tia tem um cantinho do lixão, lá tem uma parte do negócio que tem brinquedo [...] Tem uns auto falante de caixinha que eu monto, eu e o menino lá. Lá tem a separação, que lá tem pouca carreta, aí dá pra brincar [...].

Joana: [...] Perto da separação tem um campo, meu pai joga lá [...].

São histórias que parecem se misturar às estratégias usadas pelos pais para que eles não frequentem o lixão sozinhos, evitando que cheguem perto de lugares considerados perigosos, como a lagoa de chorume. Pode-se perceber que quando os meninos são os filhos mais velhos eles têm a responsabilidade de ajudar as mães a trazerem os bags, que são sacolas grandes, que os catadores vão armazenando os materiais que recolhem. Este trabalho só é reservado para as meninas quando estas são as mais velhas. Em sua maioria, as meninas cuidam dos irmãos e da casa enquanto os pais trabalham no lixão.

O cuidado que tinham ao falar sobre as formas de ajuda aos pais era demonstrado sempre que iniciavam a conversa, reafirmando o discurso legal e institucional aprendido, de que crianças não deveriam frequentar o lixão, mas sim a escola. Também revelavam a preocupação de seus

pais perderem sua guarda, pois alguns deles já haviam passado por essa situação.

Neste sentido, o lixão passa a ser um espaço de sobrevivência não só no aspecto do rendimento alcançado com o trabalho, mas também do que é encontrado no processo da catação. Dali retiram alimentos, roupas, calçados, brinquedos, eletrodomésticos, resto de material de construção entre outras coisas, que são reaproveitadas nos próprios lares.

José: Tia eu encontro iogurte lá no Carrefa. Lá é onde tem coisa boa, tem um monte de comida.

João: Lá cai carne, biscoito, eu achei até galinha, bem quentinha. Tava boa aí a mamãe pegou, ela vivinha. A mamãe pegou pra tratar e botou pra cozinhar [...].

Tomás: Tia , é que os rico joga fora, aí a gente vai lá e pega.

Aquiles: Tia eu sei quem deixa lá, é as loja da televisão [...].

Assim, esses estudantes vão construindo a leitura da sua realidade, em que diversas vezes têm que buscar sua alimentação nas sobras de outras classes sociais, aqui denominadas por eles como “os ricos” e os da “loja da televisão”. Alguns justificam que é necessário buscar o alimento ali, pois o custo é alto e justificam que o “moço da carreta” para quem os pais vendem os seus materiais às vezes demoram para fazer o pagamento.

No mesmo local onde encontram alimentos em quantidade, alguns deles chegam a encontrar eletrodomésticos com algum problema, que são vendidos para outros catadores ou pessoas da própria comunidade, resultando em mais uma fonte de renda. Nesse contexto, os meninos maiores vão aprendendo a dirigir carroça e conduzir cavalos, pois é desta forma que transportam o que acham, em especial eletrodomésticos ou móveis.

Para este grupo de crianças e adolescentes esse setor do lixão é considerado um “supermercado”, onde realizam até troca entre eles e retiram de lá o sustento para suas famílias. Para utilizarem os alimentos encontrados por lá revelam um critério: têm que estar embalados. Mesmo assim, dependendo da condição e do estado desses alimentos, algumas mães não deixam que eles os consumam. Sob esse aspecto, alguns relataram histórias de pessoas da família ou vizinhos que tiveram problemas de saúde em decorrência desta utilização.

Nesta perspectiva dos elementos de vergonha e dignidade que são atribuídos ao trabalho de seus pais, estas crianças vão constituindo olhares sobre sua realidade e mesmo adversa, permite encontrar elementos da sua constituição de ser criança: a espontaneidade, a criatividade e a brincadeira.

Assim, a escola também se apresenta como um dos elementos a fazer parte deste universo imerso a contradições, mas

Espaço escolar: formar pessoas, capacitá-las para o trabalho. Espaço de ensinar-aprender e criar?

A escola se constitui como espaço de aprendizagem, aprendizagem dos saberes escolares e também do cotidiano, de convivência social, que se aproximam da formação de pessoas.

Observa-se que, para esses estudantes, saber da escola é ler, escrever, fazer contas e resolver problemas. Também são os necessários para o cotidiano, como aprender hábitos de higiene e cuidado pessoal e a se relacionar com as pessoas, que dão o nome de educação. A educação é compreendida como um processo de aprender a tratar as pessoas como gostariam de ser tratados.

José: estudar, aprender, ter higiene, deixar tudo arrumado.

João: eu vim pro colégio para estudar, não ficar muito na rua assim.

Mariana: aprender a ler, escrever, e fazer novos amigos, só.

Alice: eu acho que pra gente não poder ficar, assim por aí andando sem fazer nada, assim, ensinar, aprender.

Clarisse: aprendi a escrever meu nome completo, desenhar, um monte de coisas.

A escola se constitui, para esses estudantes, como um espaço de ocupação,

de modo a evitar que fiquem ociosos e na rua. Compreendem a escola como um espaço de formação para o trabalho, para a utilidade, mas também um espaço de saber. Afirmam que foi na escola que aprenderam a ler, escrever e realizar operações matemáticas, mas relatam que aprenderam “pouco”, indicando dificuldades e necessidade de aprender mais.

O espaço escolar, nesse sentido, vai se constituindo como um espaço de aprendizagem que abarca os saberes escolares e os da própria condição humana. Uma escola que ultrapassa os saberes científicos e se aproxima dos saberes da vida e da formação de pessoas. Um espaço que se constitui de sentimentos e afetos, relações que possibilitam que essas crianças possam sonhar, transformar a própria realidade e construir uma utopia de futuro. Também revela a responsabilidade e a consciência da realidade, agregadas à necessidade de “estudar bastante”. Relatam o desejo de uma escola ideal, ao mesmo tempo que afirmam aprender, mesmo com dificuldades, com essa escola real, conforme relatado abaixo.

Julio: [...] Era uma professora que aprendeu amor, ensinou a amar próximo, aprendeu o amor ao próximo do jeito que ele é. Eu aprendi que você não pode desistir dos seus sonhos. E para isso você tem que estudar bastante quando você crescer você conseguir realizar.

O desejo da aprendizagem pelos saberes escolares se mistura ao de fazer amigos e aprender coisas **diferentes**. Esses estudantes parecem reproduzir o discurso de seus pais e professores, de que a escola proporcione uma vida melhor. Os professores são vistos como aqueles que têm mais saber e, portanto, o dever de repassá-lo.

Joana: [...] Eu vim aqui pra escola, realmente a gente estuda, pra aprender mais é, como se diz, que o dever da professora é ensinar. Então, a professora ensina a gente e a gente aprende, aí quando for a prova a gente já tá ó (faz gestos com as mãos no sentido de está preparado).

João: [...] Ainda falta eu aprender mais um pouco de lê, e minha mãe fala que, ela manda eu sempre estudar para ser alguém na vida. Quando eu crescer, se quiser.

A argumentação de pais e professores sobre a necessidade de aprender, sempre acenando para um futuro, fortalece o papel da escola e faz com que a criança perceba sua condição e situação de aprendizagem no presente. Percebe-se que a maioria atribui somente a si mesmo a responsabilidade de estudar, destacando a mãe como figura central que alerta e reforça a ideia da importância da escola para um futuro melhor. Ela é sempre relatada como a que conduz e lembra das tarefas escolares e que reproduz o discurso dos professores da necessidade da escolarização.

Muitos relatam as dificuldades de aprendizagem enfrentadas, agravadas por mudanças de cidade e interrupções ocorridas com frequência. Também relatam os desejos de aprender, relacionados aos conteúdos escolares.

José: *Há tia, eu quero aprender a fazer meu nome, o nome todo.*

Tomás: *[...] que eu vejo a letra voando assim, pra frente e vejo a letra voando. E eu não consigo responder, quando é pra botar o nome, aí eu esqueço.*

Aquiles: *É só eu escrever muito rápido, aí, tem vez que erro. Eu também tô lendo um pouco devagar, aí eu começo tudo de novo, aí eu não entendo, aí começo a lê tudo de novo.*

Observa-se, contudo, esforço em acompanhar o ritmo escolar. Entretanto, limitações reconhecidas dificultam esse processo. Por exemplo, no relato acima, a leitura lenta dificulta a compreensão do que foi lido, o que provoca repetição da leitura por diversas vezes, tomando tempo e atrasando a cópia das atividades passadas no quadro e a própria compreensão da leitura.

O desejo de escrever o nome todo se revela essencial, uma questão vista como de direito, para se tornar igual aos colegas, aos quais percebia que já escreviam o nome completo. A consciência da condição e situação de cada um era transformada em argumento, que esclarecia porque ainda não tinham chegado à aprendizagem ide-

al. E eles atribuíam esta responsabilidade a si mesmos, jamais questionando as práticas escolares e suas contribuições para essas dificuldades de aprendizagem.

Assim, quando apresentam a escola ao personagem do filme trazem sentidos à escola que ultrapassam os saberes escolares adquiridos na relação professor/aluno e no espaço de sala de aula. A escola tem o valor da descoberta, de um espaço que é externo, ao qual vão atribuindo valores, como o da ludicidade, da proteção aos animais e às plantas e da socialização com os amigos. Estes espaços foram escolhidos como forma de mostrar o que mais valorizavam.

Neste dia ao pedir que tirassem fotos do local que para mostraram ao personagem carniça a escola, todos se entusiasmaram por poderem utilizar a máquina fotográfica. O grupo foi logo se organizando, criando critérios de quem começaria e fomos andando pela escola para escolher os lugares. Em sua grande maioria, este grupo escolheu o espaço externo da escola. A Joana dizia que iria fotografar os pássaros, para ela a parte mais bonita da escola. Neste grupo havia crianças de outros estados, então começaram a falar nomes diferentes para o beija-flor: "Gordurinha" "Barriga Branca" e como faziam para que os alunos maiores não destruissem os ninhos das corujas burakeiras, e foram identificando em que lugar ficavam seus ninhos (Anotações do diário de campo, dia 29.08.2014).

Crianças que vão desvelando a beleza natural da área externa da escola e trazendo saberes regionais para nomear as coisas que encontram ali. Falam de como cuidam daquele espaço que denominam natureza. Afirmam que a escola precisaria de mais espaços para brincar e vão dando asas à imaginação, trazendo resto de materiais que encontram no lixão e na própria comunidade onde vivem ou mesmo dos arredores da escola para fabricarem o “parquinho” que falta. A condição de ausência em que vivem promove a criatividade como forma de resignificar o ambiente escolar, que para eles é o espaço de encontrar com os amigos e simplesmente brincar (Fotografia 1).



Fotografia 1. Brinquedos Construídos pelos colaboradores da pesquisa.

A imagem acima retrata as estratégias que eles utilizam para fazer com que a escola se torne um espaço de prazer e diversão. O desejo de brincar parece impulsioná-los para a criação de espaços que possibilitem esta ação. Desse modo, criam brinquedos e constroem regras entre si para a sua utilização.

Essa escola, mesmo com traços da ausência de políticas públicas educacionais e sociais, favorece a criatividade e a reinvenção. Nela os estudantes constroem seus balanços e gangorras de restos de materiais encontrados no lixo e preenchem as lacunas encontradas e sentidas.

Por sua vez, também percebem e sentem a dureza enfrentada nesse contexto escolar quando são identificados como filhos de catadores. Essa realidade os leva a vivenciarem na escola o sentido da exclusão, da rejeição, resultando, em alguns casos, no abandono da escola e consequente evasão escolar.

***Maria:** [...] tia ele tem dezesseis anos, ele parou no quinto ano, dizia, vai pro lixo, seu ele, seu aquele. Tia, os menino chamava ele de Carniça feito lixo, ele chamava de um bucado de coisa. Ai ele batia, ele levou suspensão. Os menino daqui xinga minha mãe, eu começo a bater neles, até sangrar (neste momento seus olhos ficam cheios de lágrimas e a voz trêmula e embargada com a dor da rejeição).*

Nesse contexto da discriminação, do preconceito e da exclusão revelam, também, o incômodo quando eram revistados por diversas vezes pelos funcionários da segurança onde a escola está *inserida*. Acreditavam que esses seguranças achavam que eles estivessem levando drogas para a escola. Escola essa que às vezes os faz sentir como se ali não fosse o lugar deles, mas apesar disso conseguem visualizá-la

na beleza dos espaços externos, nos quadros cheios de tarefas, nos aprendizados e nas relações que constroem com seus professores e colegas.

Considerações Finais

De modo geral, pode-se perceber que o trabalho dos pais suscita contradição nos estudantes. De um lado, sentimentos de orgulho e dignidade pelas contribuições socioambientais desse trabalho tanto para as próprias famílias quanto para as cidades. De outro lado, vergonha e sofrimento pelas condições de degradação humana e socioambiental que enfrentam diariamente, bem como pelo preconceito e a discriminação que sofrem tanto no ambiente escolar quanto na cidade.

O valor do trabalho da catação de resíduos e materiais recicláveis de seus pais não só sustentam a família como promovem saber ambiental, levando-os à compreensão de que essa ação contribui para o cuidado com o meio ambiente, minimizando ou reduzindo o problema dos resíduos nas cidades. Esses achados são corroborados por ALTERTHUM (2005) e BARBOZA (2012), que relataram que as crianças compreendem saberes ambientais a partir dos trabalhos de seus pais e também revelam sentimentos próximos aos dos pais quando conseguem perceber o valor e o sentido do trabalho da catação (COSTA,

2008). Percebem o valor ambiental do trabalho de seus pais, mas reconhecem a realidade de degradação em que este trabalho se constitui.

O sofrimento e a vergonha constituídos pela degradação, pela forma com que são vistas e tratadas, vivenciados tanto no espaço do trabalho quanto na própria comunidade em que vivem e na escola, muitas vezes os leva ao abandono da escola e a reagirem com violência com as pessoas que provocam esta dor. Aprendem, assim, a solucionar seus problemas fugindo dos mesmos ou agindo de forma agressiva e impulsiva, alimentando um ciclo perverso de dor e sofrimento.

Percebem o trabalho de catação como duro e pesado, o que os fazem se mobilizar para ajudar seus pais, em especial os meninos quando são as suas mães que enfrentam essas condições. As meninas também participam, quando são as mais velhas. Este trabalho em família também foi constatado por BARBOSA (2012), COSTA (2008) e ALTERTHUM (2005), que mostram que algumas crianças fazem desta atividade uma forma de procurar brinquedos enquanto seus pais trabalham. Entretanto, aqui se observou também ajuda de outro tipo, ao carregarem os bags (as sacolas grandes em que seus pais armazenam os materiais que coletam) e procurarem alimentação, utensílios domésticos e outros materiais dentro do lixão que possam contribuir para a sobrevivência

das suas famílias. Na voz dessas crianças e adolescentes o lixão vai se constituindo como um espaço de dor, violência, degradação, mas também de brincadeiras, criatividade, convivência familiar e social.

Nas narrativas sobre a escola emerge o valor do saber, do aprender, reconhecendo aprendizagens e dificuldades enfrentadas e atribuem a si mesmos a responsabilidade por sua aprendizagem. Algumas vezes se aproximam dos discursos de seus pais e professores, compreendendo a escola como forma de buscarem uma vida melhor, um “futuro”. Esses achados são corroborados pelos estudos de PASSAGGI e ROCHA (2012).

Depositam na escola a expectativa de formá-los para a vida, de aprenderem a se relacionar com as pessoas e a alimentar seus sonhos, ultrapassando, assim, a sala de aula e os conteúdos escolares. Escola que favorece o brincar, o criar e reinventar objetos para ressignificar este brincar e se relacionar, que ganha um sentido de olhar com cuidado para o ambiente natural, expresso na preocupação em proteger plantas e animais, por exemplo.

Pode-se concluir que é necessário dar voz a estas crianças, ver a escola e suas experiências de vida a partir de seus olhares, de modo a permitir a expressão de sentimentos, desejos, bem como estimular seu potencial criativo e construtivo em benefício de sua própria formação como pessoa,

capaz de assumir seu lugar na sociedade de forma justa e igualitária. Constata-se que geralmente são silenciadas, sobretudo no ambiente escolar, o que, sem dúvida, compromete o desempenho escolar e a conseqüente inserção social dessas crianças.

Ao falarem de suas vidas e ao mesmo tempo refletirem sobre o espaço escolar e suas trajetórias nesse contexto, pode-se constatar que as crianças vão identificando outros colegas que também vivem nas mesmas condições, o que contribui para o fortalecimento de sua identidade pessoal e coletiva e permite criar laços afetivos. Dessa forma, a escola se converte em um espaço em que se pode dialogar, se revelar, compartilhar suas histórias, sua forma de pensar, ser, sentir e agir. Nesse processo, exercitam falar de seus sonhos, suas realidades, se reconhecem como capazes de aprender, apesar das limitações atribuídas a si mesmas. Vida e escola vão dando sentido uma a outra na busca de um diálogo em que ambas se alimentam e nutrem na direção de uma utopia para a educação.

O valor da escola como aprendizagem passa pela socialização, pela formação das pessoas, pela atribuição dos saberes cognitivos e pelo cuidado com as relações constituídas com seus professores e colegas.

Conclui-se que mesmo sendo uma análise preliminar é necessário se possibilitar ins-

trumentos para dar voz a estas crianças e enxergar a escola e suas experiências de vida a partir dos seus olhares, pois são vozes que são silenciadas nos espaços escolares e muitas vezes em espaços familiares e comunitários sem que haja um espaço para que o ser criança se manifeste e possa participar de forma efetiva do processo social. Ao falarem de suas vidas e ao mesmo tempo refletirem sobre o espaço escola, pode-se constatar que vão identificando outros colegas que também vivem esta situação e vão se fortalecendo, criando laços. A escola passa a ser um espaço que se pode dialogar com que ele acredita saber, suas histórias e sua forma de pensar. Exercitam falar dos seus sonhos, e de suas realidades e ao mesmo tempo se reconhecem como capazes de aprender, mesmo que ainda produzam o argumento da culpa individual. Vida e escola vão dando sentido uma a outra como forma de buscar estabelecer um diálogo, mesmo que ainda tenro, mas capazes de produzir e alimentar uma utopia para a educação .

Referências bibliográficas

- ALTERTHUM, Camila Carvalhal. O encontro com criança Filhas de catadores de papel: sinalizações para uma Creche e uma pesquisa com a nossa cara". Belo Horizonte , 2005. p. 126. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais; 2005.
- ALVARENGA, Mari I. O sonho pode perecer no lixo? Dos "curumins" do século XXI. Volume I, Juiz de Fora, 2008, p. 18. Disponível em: http://www.cmjf.com.br/revista?ed_selecionada.phd?id_revista=1. Acesso em: 08 jul 2013.
- BARBOZA, Daiani. As múltiplas cidades na cidade: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana. Santa Catarina, 2013. 276 p Tese (doutorado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina; 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues: Pesquisar-participar. IN:Brandão,CR(org). Pesquisa Participante. São Paulo: brasiliense, 1990, p.9-16.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção do Sujeito Ecológico; sentidos e trajetórias em educação ambiental. Rio Grande do Sul, 2000. 411p. Tese (doutorado em educação). Universidade Federal do rio grande do sul; 2000.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE-Ministério da Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução 196, 1996.
- COSTA, Cláudia Moraes da Costa. Reciclagem e Cidadania: a trajetória de vida de catadores de material reciclável. Brasília, 2008. 155 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade de Brasília; 2008.
- DANSA Cláudia; PATO, Cláudia; CORRÊIA, Rosângela. Educação ambiental e ecologia humana: contribuições para um debate. 2012. Disponível:https://www.academia.edu/2580069/Educacao_Ambiental_e_Ecologia_Humana_Contribuicoes_para_um_debate. Acesso: 08/12/2012.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais In. NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (orgs). O método (auto) biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, 2010. p.81-95.FERNANDES, Florestan: O desafio Educacional. Ed. Cortez, 1989.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (orgs). O método (auto) biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, 2010. P.33-57.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e Ousadia: cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- GADAMER, Hans Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Universitária São Francisco, 1999

- GADAMER, Hans Georg. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Universitária São Francisco, 2005.
- GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel. Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2009.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: Pesquisa de Saneamento Básico. 2008. Rio de Janeiro 2010.
- IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA: Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos - Relatório de pesquisa. Brasília, 2012.
- JANUZZI, Paulo de Martino. Indicadores sociais no Brasil. Campinas: Alínea, 2001.
- JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. IN: SAWAIA, B.B: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes. 2004
- JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como território simbólicos de uma existência evolutiva singular-plural. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. (Comunicação oral).
- JOSSO, M-C. As histórias como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGI, M. C. (Org.). Tendências da pesquisa (auto) biográfica. Natal: EDUFRRN; São Paulo, SP: Paulus, 2008.
- JOSSO, M-C. Da formação do sujeito. Ao sujeito da formação. In NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (orgs.). O método (auto) biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, 2010.p.59-79.
- JOSSO, M-C. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educação e Realidade, Porto Alegre. Jan/abr. 2012. p.19-31. v. 37,n.01.
- KASSOUF, Ana Lúcia (orgs). O Brasil e o trabalho infantil no século 21. Brasília: OTI, 2004.
- LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEFF, Enrique. Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.
- LECHNER, Elsa. Oficinas de Trabalho biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes. 2012. Educação Rel. Porto Alegre, v. 37, n.1.p.71-85, jan/abr.Disponível:Seer.ufrg.br/educaçaoeral/idade/articulaçao/viewfile/21807/16032. Acesso: 02/05/2013.
- LECHNER, Elsa. Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: Contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. 2009. Revista crítica de Ciências, 85, junho. p.43-45. Disponível: www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=2013. Acesso: 23/07/2013
- LOUREIRO, Carlos Frederico B: Sustentabilidade e educação. São Paulo: Cortez editora, 2012.
- MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- MOMBERGER, Christine Delory. Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeção Natal: EDUFRRN; São Paulo, 2008.
- MOMBERGER, Christine Delory. Formação e socialização. Os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p.359-371, 2006.
- MOURÃO, Laís. Educação Ambiental e ecologia Humana fundamentos para um debate. 2011. Disponível: <http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6093/5041>.> Acesso em 10 dez 2010.
- MULLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e Resistências. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=50101-7330200600020012&script=sci_arttext. Acesso em: 10 de nov de 2014.
- NÓVOA, Antônio. Espaço (auto) biográfico: arte de viver, conhecer e formar. São Paulo, Universidade de São Paulo-USP, 2010. (Comunicação oral).
- NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (orgs.). O método (auto) biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, 2010.
- OLIVEIRA, Jairo Anderson; FERNANDES, Sheyla Christine Santos; ALMEIDA, Saulo Santos Menezes de. Análise das Representações Sociais de Catadores de Lixo de Sergipe Acerca de Sua Realidade Social. PSICO, Juiz de fora, jan./mar. 2012. p. 55-68, v. 43, n. 1.
- O MENINO URUBU. Produção de Roberto Ribeiro, Thais. Belém: Design, Karandash Estúdio de Animação Produções, 2006. Disponível em: <http://cinematecaparaense.org/filmes/animacao/menino-urubu/> Acesso: 02/12/2013